

# ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



II SERIE — N.º 732

Lisboa, 1 de Março de 1920

20 cent.



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade da SILVA GRAÇA, LTD.  
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO. 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:  
Trimestre ..... 2\$60 ctv.  
Semestre ..... 5\$00 "  
Ano ..... 10\$00 "

Redacção, administração e officinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA



## DEPILATORIO "VENUS"

Faz desaparecer instantaneamente  
todos os pêlos e o buço.

Esta nova descoberta, a ultima palavra da sciencia, dá resultados maravilhosos. Nenhum produto pôde ser-lhe comparado.

**Este pó não é caustico. Pôde empregar-se sem receio para a pele mais delicada.**

Empregando metodicamente o Depilatorio «Venus», chega-se em breve a destruir o bôlbo e o pêlo não torna a crescer.

A' venda na **PERFUMARIA DA MODA, 5, Rua do Carmo, 7**, o mais artistico estabelecimento de Lisboa, e nas farmacias, drogarias e principaes casas da especialidade em todo o paiz, ilhas e Africa.

Os pedidos para revenda devem ser dirigidos a  
**AYRES DE CARVALHO, Rua Ivens, 31, Lisboa**  
sede dos escritorios e fabrica.



Casamentos rapidos e vantajosos

### 170.000

peços ouro entregam-se a cavalheiro serio, demonstrando honestidade e boas referencias, que despose senhorita, 30 anos, educada e bondosa. Evitar escandalo social. Escrever a **Matrimonial Club of New-York, Porto.**

Contestam-se todas as cartas, observando-se absoluta reserva.

Franquear cartas para resposta segura.

**Reconstituente  
Alimento Phosphatado**

## BANANINE MIALHE

**Creanças, Convalescentes,  
Tratamento das enterites  
8, Rue Favart, Paris**

## Academia Scientifica de Beleza

Directora **MADAME CAMPOS**

**Avenida da Liberdade, 23 — LISBOA**

TELEFONE 3641

*Só n'este estabelecimento as senhora devem fazer os seus tratamentos e comprar os seus produtos de Beleza, por ser o unico competente em Portugal. As clientes d'este estabelecimento distinguem-se pela frescura ideal da cutis.*

*Consultas gratuitas por correspondencia enviando estampilha.*

Depositos em LISBOA: Rua Augusta, 282 — No PORTO: Rua 31 de Janeiro, 234.



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 732

Lisboa, 1 de Março de 1920

20 Centavos

## CRONICA

### PRIMAVERA

ENGANARAM-SE as andorinhas, ou enganámo-las. Em fins d'um Janeiro cheio de sol, sem frio, amenissimo, elas imaginaram que a primavera nos estava a bater á porta, e vieram por aí fora, todas pimponas e alegres, de biquinho preparado para o transporte do material destinado aos amourosos ninhos. Um casal chegou a Algés, dois ou tres a terras do Algarve e, de subito, quando já tinham escolhido beiral e par para o noivado, o ceu toldou-se, a chuva desabou em torrentes, o vento soprou furioso e as desgraçadas reconheceram que se encontravam em pleno inverno e que mal avisadas andaram em meter azas ao caminho.

De cançadas, não puderam regressar ao ponto de partida e para aí ficaram desiludidas! A estas horas estão talvez mortas, por se terem fiado no nosso clima, como se tudo não estivesse mudado n'esta que foi a linda terra portugêsa!

### A GRÉVE TELEFÓNICA

ETERNISA-SE a gréve do pessoal dos telefonos e dá-se com esta um caso estranho: o publico parece que não lhe sente os efeitos e, por consequencia, desinteressa-se da questão, ao contrario do que tem acontecido com as outras gréves, que o teem excitado, aprovando-a ou reprovando-a.

Os motivos de tal desinteresse não os conhecemos fundamentalmente, mas sobre eles podemos formular hipoteses, com mais ou menos probabilidades de acertar. Será porque a comodidade do telefone, visto ser muito recente, não teve ainda tempo de se transformar em necessidade? Será porque os serviços respectivos não se fazem com a necessaria perfeição, constituindo um estorvo o que devia ser uma facilidade?

Que saibamos, até agora só a Associação Commercial protestou contra a paralisação. Fê-lo nos seguintes termos, em officio ao sr. ministro do Comercio: "...a verdade é que de ha muito os serviços telefonicos veem funcionando por uma forma tão deficiente que deixaram de satisfazer as exigencias da vida comercial de Lisboa... E' uma das hipoteses que aventamos, a explicar a indiferença quasi geral,

mas mesmo que seja aceite como boa, haveria conveniencia em averiguar as causas da deficiencia a que se alude e que bem podem ser precisamente as que levaram o pessoal á situação em que se encontra, de não trabalhar.

E' costume tratar de menos cuidadosas as empregadas dos telefonos, mas a debilidade explica muitas impaciencias.

### TRABALHAR

ESTAMOS sempre á espreita do que se passa lá fóra, para imitarmos o mau, mas muitas vezes tambem o bom, e é talvez por isso que aparecem agora algumas classes sociais a pedir aumento de vencimentos juntamente com aumento de trabalho. A impressão nas entidades que teem de resolver sobre o pedido dizem-nos que foi excelente; ha quem queira trabalhar mais uma hora e até mais duas horas além das regulamentares...



Muito bem, posto que não pugne aceitar que oito horas de trabalho são suficientes para que cada individuo pague a contribuição que deve, em esforço, á sociedade. Contudo, ha que accentuar que devem ser, insofismavelmente, oito horas de trabalho, porque se d'elas diminuirmos uma hora para conversar, meia para fumar, tres quartos para ler um jornal, etc., o que fica de utilidade é tão diminuto que mais valeria decretar quatro horas, obrigatorias.

E se das tais nove, dez ou onze, etc., que se oferecem, houver que descontar as que se empreguem em distracções amenas, pedimos licença para dizer que temos conversado.

### LIVROS

PROFETISÁMOS, quando do aparecimento da obra de Aquilino Ribeiro, «Terras de Demão» — o romance mais notável dos nossos dias — que a primeira edição se esgotaria rapidamente. Foi o que aconteceu: temos á vista a segunda edição, o que vem provar que, se ha pouco quem escreva (bem, entende-se) ha muito quem leia. E' consolador.

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira)





«O homem do leme», por Francisco Santos  
Jardim do Caes do Sodré



Manoel Pinheiro Chagas

Os jardins são a alegria da casa e o paraíso das cidades. Aparte a sua função terapeutica, renovadora, oxigenante, eles têm um encanto proprio e o mais curioso é que cada jardim tem o seu. O jardim da Escola Politecnica tem um encanto muito diverso do Jardim da Estrela. Este do jardim das Amoreiras. E não é só o encanto em si, do tom, da hora, da paisagem. Cada jardim tem a sua população, cada jardim tem os seus «habitué». Ha quem adore em Londres um determinado parque e ha quem em Paris abomine o Luxemburgo para lhe preferir o Parque Monceau ou outro qualquer. Porquê? Porque ha jardins sugestores e jardins mortos para as almas. Ha jardins mumificados e jardins evocativos. Ha jardins alegres e jardins melancolicos, jardins que são campesinos e jardins aristocratas. Ha jardins em que a tristeza mora, outros onde mora o Amor.



O actor Taborda





«Filha de rei guardando patos» ou «Guardadora de gansos».—(Jardim da Estrela), por Costa Mota (sobrinho).

A psicologia dos jardins! Conhecem-na os poetas e os seus «habitués» eleitos. Dizei a este velhinho doente que procure o jardim do Príncipe Real em lugar do jardim de S. Pedro de Alcantara; dizei a este casal de namorados que busque o jardim da Estrela em lugar do jardim Botânico. Inútil.

Lisboa não tem muitos e grandes jardins. Tem o Botânico, o da Estrela e o de S. Pedro d'Alcantara entre os primeiros, gradeados e cuidados. Tem muitos outros pequenos, o das Albertas, o do Duque da Terceira, o das Amoreiras, o de Campo de Ourique, mas de todos eles só o da Estrela e o do Caes do



«O Cavador».—(Jardim da Estrela), por Costa Mota (tio).



Sodré possuem o que possui qualquer jardim de Paris, obras de arte. O grupo escultural, a escultura simbolica, o pequeno monumento, ficam nos jardins como em parte alguma. Os monumentos nas praças quasi ninguem os olha. Os monumentos dos jar-



1 «La Source» (jardim da Estrela), por D. Maria Gloria Ribeiro da Cruz.—2 Outro aspecto.

dins tem sempre contemplativos. Depois não é no bulício das praças, no vortilhão da vida asafamada que fica bem a estatuia evocadora de um artista querido ou de um sabio de eleição. Mas ponha-se a sua estatuia n'um recanto de jardim, ao meio de uma rua de verdura, ou n'um aconchego de rosas e glycínias e digam se não tem muito mais poesia, maior e mais profunda evocação.

Ora digam, em boa verdade se o jardim da Estrela não é assim um pequeno museu onde dá gosto ir e se não conviria assim tornar o Jardim Botânico, seja ele da Escola ou seja da Municipalidade.

Que bem que fica o rude «Cavador», a que Francisco Santos deu vida, parecendo revolvêr com a sua enxada a terra, na sua faina. Que bem que a «Filha do rei guardando patos» se ergue na dormencia da agua tranquila como se ali tivesse brotado e não fosse o cinzel de Costa Mota, sobrinho, que em carinhos de artista a animasse? E o «Despertar», de Simões de Almeida, sobrinho? E a Fonte, de Maria Gloria Ribeiro da Cruz, a figura que no seu recanto agreste medita tristonha? E que curioso, que interessante, o «Gollinho» de grandes olhos coruscantes, motivo tão português e tão usado na antiga ceramica? E a resurreição da velha fabula do grou e da raposa?

Decididamente ha que encher os nossos jardins de obras d'arte e depois de ter dado aos jardins as idoneas esculturas, trazer para as ruas, como queria esse grande e saudoso Fialho d'Almeida, os oradores perorando, os poetas ensimesmados no seu sonho, os musicos buscando algum lampejo da sua inspiração, não em monumentos de dez metros d'altura, mas em pequenas obras de arte, perto da multidão, quasi á beira d'ela. Camilo ainda não tem um monumento, Fialho e Julio Diniz não o tem tambem. Esse loiro Cezario, esse soturno José Duro, tambem não. D. João



A estatuia a «Eça de Queiroz».—(Largo do Quintela).—Por Teixeira Lopes.





«Despertar». — (Jardim da Estrela), por Simões d'Almeida (Sobrinho).—2. «Golfinhos», (Jardim da Estrela) por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro.

da Camara, tal como o esboçou Silva Gouveia, posto sobre uma peanha de um metro d'altura não seria um lindo monumento? Marcelino Mesquita não merece o que Pinheiro Chagas tem já? Pinheiro Chagas tem a sua «Morgadinha» pelo cinzel de Costa Mota (tio) na Avenida da Liberdade. Marcelino poderia ter qualquer das suas figuras historicas. E' claro que sim e ha lugar para todos. E' preciso somente que os nossos esculptores pensem um pouco em evocar os nossos emotivos, os nossos artistas, os nossos maiores. Maupassant tem n'um jardim de Paris um monumento. Daudet tem outro. Porque não o terão tambem nos jardins de Lisboa os nossos homens de letras? Não é ainda mais do que um plano esse Chiado que ficaria na Rua Garrett, nome de emprestimo, porque a tradição poude mais do que a lapide camararia. Rua Garrett se chama? Sim, é isso que lá diz. Todavia, como n'uma tela repintada, lá esta sorrindo escarninho por detraz do fidalgo Garrett o sarcastico e chocarreiro fra-de quinhentista.

Vê-se pois que nem os nossos jardins teem acompanhado a evolução, a não ser o da Estrela, nem as nossas ruas e as nossas praças se teem civilisado n'esse sentido: Em Paris, em Berlim, em qual quer grande cidade, os monumentos succedem-se e passeando-as a gente tem a evocação dos grandes homens do seu paiz. Musicos, poetas, escritores, dramaturgos, sabios, historiadores, todos desfilam, todos apparecem aos nossos olhos e á nossa imaginação. E apparecem, não em monumentos classicos, harmonicos e frios, monumentos que nada despertam em nós e nada conseguem evocar, mas em lindas obras d'arte, soberbas creações, magnificos sonhos de artista, pujantes realisações da vida no marmore que nos enchem, que nos obrigam a pensar e a sentir. Passou a epoca dos arcsos triunfaes. Hoje é a epoca da es-

cultura de museu. O grande monumento, bandido. Em troca a delicia do espirito e dos olhos em lindas cousas que a gente pode abraçar momentaneamente.

Lisboa tem já alguns jardins, mas falta m-lhe ainda alguns



«O Grou e a Raposa (Jardim da Estrela) por Manuel G. B. Pinheiro..





«Fonte». (Jardim da Estrela), por Francisco d'Assis Rodrigues.



«Primavera». (Jardim da Estrela) por Moreau.



como o da Estrela e o da Escola Politécnica. Poderia fazer-se da Tapada da Ajuda um museu como o da Estrela. Mas a Tapada tem, além de outros o inconveniente de ficar longe e não ser bem nem um parque, nem um jardim. Mas tivesse a gente lindos monumentos a homens saudosos, ou obras primas da escultura e tivesse a Câmara o desejo de o fazer, que locais não é positivamente o que nos falta. O jardim do Campo de Sant'Ana, fronteiro á Escola Médica, não é nem dos mais feios, nem dos mais impróprios para um monumentinho que poderia ser até um grupo, Fialho e Marcelino por exemplo, ambos médicos e ambos dignos da apoteose em pedra. E nele não ficaria feio uma linda estatua, fantasia corporisada de escultor-artista que com os voos do seu génio quizesse levar aos parâmetros do sonho o espirito terreno tão balouçado pelas negras contingencias e vicissitudes da vida, dia a dia tristemente vivida.

O nosso jardim da Estrela é o unico que possuímos com algo digno de ver-se. Cumpre que os outros,

cs dignos d'esse nome, lhe sigam o exemplo.

Figuras sinteses da obra do escritor, como se fez com a «Morgadinha» para Pinheiro Chagas e como se faria com a «Madona do Campo Santo» para Fialho, apareceriam evocativas e magnificentes. E que monumento ideal não daria essa «Madona» que o génio maravilhoso de Fialho concebeu.

Num dos jardins de Paris, no das Tuherias, cremos que é ha um monumentosinho a Perrault, o dos contos maravilhosos para a infancia. Uma columna, o busto do contista com a sua celebre cabeleira anelada. Um rancho de crianças baila e, espreitando, um gato, simbolo do maravilhoso, vestido de mosqueteiro apoia a mão na espada. E' simples, bonito e evoca tudo o que Perrault, com tanto colorido e com tanto amor escreveu. Perrault e Grim são os favoritos da pequenada. Monumentos assim é que a gente poderia ter, poderia criar.

Lucrariam os jardins em si e lucraria o publico e a cidade, porque a Arte é ainda o que a vida tem de impercível e supremo.



3. O Poeta Chialdo. Projecto de Costa Mota (Rio)

4. Visconde de Valmor. (Largo da Biblioteca), por Teixeira Lopes. — («Clichés» Serra Riheiro).





Inédito do paisagista hespanhol D. Francisco Casanovas, o conhecido e apreciado pintor que ultimamente, com tanto aplauso, expoz entre nós. É um impressivo trecho de campo que honra o nome que o assina.



A decorative border of intricate floral and scrollwork patterns surrounds the text. At the top left of the border, the word "ANT" is printed in small letters.

# THAÍS

Por M. CARDOSO MARTHA

**L**onginquo, morre o sol nas líbicas areias...  
Thaís, a cortezã, em frente ao espelho de aço,  
unge de nardo e admira o serpentino braço,  
o seio, e as brancas mãos astrais de azúleas veias...

Poisa o boião de argila; um turbilhão de ideias  
lhe acode, e imprime á fronte escuro traço;  
olha a piscina jáspea ao fundo do terraço  
onde se enroscam n'agua as horridas mureias...

Relembra agora aquele inesquecível dia  
em que ouviu um cristão, um mártir que morria  
prégando o Verbo Novo aos velhos corações...

E a amorosa Thaís, suave como um beijo,  
quer de subito dar — oh, perverso desejo! —  
a carne pecadora á garra dos leões...



O novo ano  
e  
o ano velho.  
Superstições.

# A CARICATURA NO ESTRANGEIRO

O Tio Sam a  
caminho  
da Liga das  
Nações.  
Afectuosa re-  
cepção.

QUEM percorre os jornais estrangeiros, e especialmente os de caricaturas, não pode, por vezes, deixar de rir com o que de imaginoso e de interessante safu dos bicos dos lapis d'aqueles novos deuses creadores da graça e da ironia.

E' esta uma viagem em que por vezes tomamos o braço do leitor e com ele seguimos a fazer o comentario e o comentario que o comentario por vezes sugere. Por exemplo, veja-se o aspecto do futuro na caricatura da «Life» de Nova York. O mundo bufando iras e mostrando o seu horrido aspecto. 1919



vae-se embora estropiado e o 1920, que chega fica estarecido. Esse conceito dos tempos que vão correndo é completado pelo lapis humorista de Bernard que mostra o novo ano assoando á porta armado de vassoura e balde para varrer todo o estardalhaço que o 1919 fez. Mas pobre d'ele, aquilo é mais do que um desarranjo. E' um espolio. E o estrago faz com que ele abra bem os seus olhos de pavor.

Tambem uma caricatura americana mostra o Tio Sam a caminho da Liga da Paz marchando carregado ao peso de um canhão demesu-



1. Aquele monstro aguarda-te radioso! Como vês, tive que pagar, bem severamente, o meu tributo. (De «The Life» de New-York).—2. O novo ano n'um espanto imenso; Oh! Que pavorosa confusão e que ardua tarefa está reservada á nova vassoura. (Desenho de C. E. B. Bernard em «The Bystander», de Londres).—3. Um curioso instantaneo d'uma vulgarissima superstição—a passagem sob uma escada de mão. (Desenho de W. Heath Robinson em «The Bystander», de Londres).



rado. E aquele canhão é um símbolo. Gotjava sangue a alma do bom «yankee» ao desenhar a pátria vergada ao peso da herança sinistra, do sombrio legado da guerra.

Isto é, porém, a caricatura social e se bem que interesse muitos leitores nem por isso outros deixam de lhe preferir o bom riso proprio, sem politica, o riso de cada dia á margem de um acontecimento, fugaz anotação que como um foguete sobe, faz sorrir e se apaga no escuro anonimato.

Ora, vejam por exemplo, esse Robinson. Poz uma rua e fez com que aquele caíador puzesse a escada como exactamente a colocou. Ora o poder da superstição é tal que ninguem quer passar por debaixo da escada... para não ficar enguiçado.

Pela estreita passagem encontram-se os que vão com os que vêm, congestiona-se a circulação, como se diz agora, e começa a refrega que é como quem diz surge a pancadaria. E ha cavalheiros assitados que ao longe, vendo o caso, vão por onde vieram para não passarem sob a escada, não correndo assim o perigo do funesto e lamentavel enguiço.

E agora vejam os senhores esta visita do cavalheiro á senhora amiga dos cães. A creada anuncia, a madama avança risonha com o melhor sorriso, o melhor tóto e o «lorgnon» engatilhado. O nosso homem avança para o cumprimento ao mesmo tempo que um dos tótos

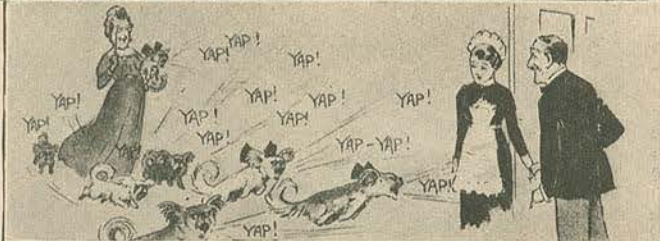


avança para as suas canelas. Toda a medalha tem reverso: A canela sentindo a dentuça do tóto e o cavalheiro sentindo a canela faz involuntariamente o que qualquer canela e qualquer cavalheiro faria em circunstancias identicas. Faz um sarilho que nem a helice de um aeroplano. E ah cães! da madama, vae tudo por pó de cão, e sem perder a linha. Enquanto a perna vai e vem, que até fumeja, o cavalheiro sorri. Não se pode ser mais delicado...

Tem imenso talento este sr. G. E. Studly que faz esta pagina e que é perito n'estas cousas. Breve daremos algumas das suas composições mais curiosas e veremos se é ou não da nossa opinião o leitor. E veja mais uma vez

aquela senhora, aquela perna e aqueles cães. Valem um poema!...

Geralmente os ingleses, são os que fazem as caricaturas mais bizarras, mais interessantes, mais infantis. Por exemplo, esta do cavalheiro e a senhora dos cães não lembraria ao diabo. Um francês não a teria feito e muito menos um português ou um hespanhol. E' n'isso que eles são mestres. Em saberem, das coisas que á primeira vista parece não terem interesse, fazer ineditas e curiosas cousas.



1. Um elemento da melhor «Liga da Paz». (Do «Dayton Daily News» de Dayton. U. S. A.)
2. Como se deve agir ao visitar-se uma senhora que se faz acompanhar por hospedes tão indelicados para quem chega. — (Desenho de G. E. Studly em «The Sketch» de Londres).



# Ecos do Carnaval

Foi triste e monotonico, entre nós, o Carnaval este ano, como de resto o foi em toda a parte. Acabaram as danças, as parodias, as cégadas, e já não se pode transitar nas ruas mascarado.

Vinga-se a criançada. Só essa teve o seu carnaval vistoso e o leitor verá o que foi esse mundo infantil de guerreiros, damas antigas, palhaços, minhotas, policias, serranas, diabos, napolitanas e japonesas, cardeais e creadas de servir, amas e vendedores de jornais. Regorgitou a Sociedade Nacional de Belas Artes, o Ateneu Commercial e o Teatro Nacional. Entre as cu-

1 e 2 Dois grupos do balé infantil do Teatro Nacional—3 A menina Maria Roque Gametro, de creada de servir.  
—4 Grupo de crianças que tomaram parte

na festa da S. N. B. Artes.—5 A menina Isabel de Melo Breyner, dama de 1890.—6 A menina Maria Pereira Lima, dama de 1890, 1.º premio.







1 e 2 Grupo de mascaras infantis (Ateneu Comercial)

riosas mascaras tres sobresaíram: as meninas Ferreira Lima e Melo Breyner, de damas antigas, e Maria



Uma ama pequenina



Roque Gameiro, de criada de servir.

Como ainda no Carnaval dos filhos os paes puzeram um pouco da sua alma! Ferreira Lima, de devotado de Garrett; Melo Breyner, de seus maiores; Roque Gameiro, uma das figuras portuguesas populares das que a sua alma de artista ás vezes aguarela...



1 Um grupo do Teatro Nacional. — 2 Tres figuras importantes no Ateneu Comercial. — 3 Um pequeno cardeal. — 4 O menino Jorge Gil da Silva de «Vendedor de Jornais»

(Clichés Serra Ribeiro).



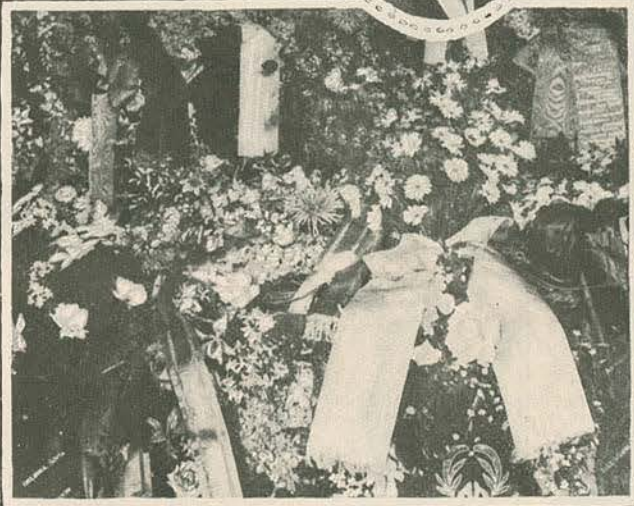
# LISBOA VERMELHA

## Atualidade

Mercê do desvairamento dos que julgam que a bomba poderá mudar a face social da sociedade registaram-se em Lisboa ultimamente alguns atentados, que todos são unânimes em reprovar e que são obra de um ban-



1 O povo vendo os estragos da bomba na sapataria da Calçada do Marquez



de Abrantes. 8. Marcado com X o local onde caiu João Soares de Oliveira. — 2 Um aspecto do enterro do malogrado guarda-livros João Soares de Oliveira.

1 O sr. João Soares de Oliveira, guarda-livros da firma Ferraz & Amorim, morto quando passava em frente da sapataria da Calçada do Marquez de Abrantes. — 2 O feretro e corôas no escritório da firma Ferraz & Amorim.

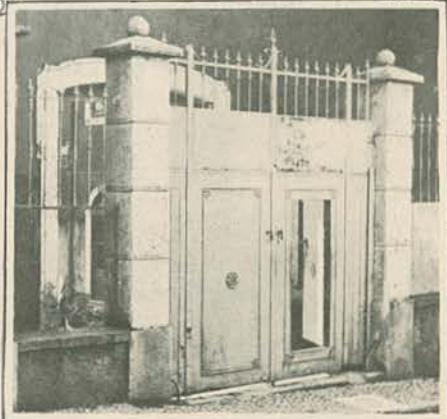
ditismo sem igual. Duas bombas foram arremessadas contra sapatarias, tendo a da Calçada do Marquez de Abrantes vitimado um excelente rapaz na flôr



O povo vendo os estragos da bomba que foi arremessada contra «O Seculo».

da vida, o guarda livros sr. João Soares de Oliveira, cujo funeral foi uma imponente e sentida manifestação de pesar. A outra atirada contra o portão da casa de um diretor da Companhia dos Telefones poucos prejuizos causou, mas a atirada contra *O Seculo* fiez consideráveis estragos materiais e





O portão da Calçada das Necessidades 4, onde reside o sr. R. W. Frazer, director da Companhia dos Telefones e contra a qual foi arremessada uma bomba.

alarmou a cidade pelo estampido da formidável carga que continha.

Se a que vitimou o infeliz guarda-livros causou geral indignação,

a que contra os nossos escritorios e oficinas foi atirada maior causou porque podia ter vitimado muitas dezenas de pessoas. E se no momento alguém passa, como era natural ás onze horas da noite, mortes agora teriamos a registar.



O enterro do malogrado guarda-livros entrando no cemiterio.

Virginia da Conceição, uma pobre mulher da R. da Procição, 81, cave, teve tres robustas meninas de um só parto. Valeu-lhe a caridade de pessoas beneficentes pois que é pauperima. Uma

1 Virginia da Conceição, de Lisboa, que teve 3 filhas. — A sr.<sup>a</sup> Rosa Varela, que se prestou a amamentar as 3 creanças. — 3 O novo nuncio apostolico que foi agradecer ao sr. presidente da Republica o interesse que tomou pela sua doença. («Clichés» Serra Ribeiro).

visinha encarregou-se de amamentar as petizas, pois que a mãe, além de fraca, não tinha leite para lhes dar.

O nuncio apostolico foi a Belem agradecer ao sr. Presidente os cuidados que teve com a sua doença. A nossa gravura representa-o saíndo do palacio presidencial.





# Algumas palavras sobre o CRÉDITO

**CREDITO.** — Do latim “creditum”, é em linguagem corrente sinónimo de **CONFIANÇA**.

**ABRIR UM CREDITO.** — E' auctorisar um cliente a constituir-se devedor por uma quantia em certas condições.

**PRESTAR UM CREDITO.** — E' dar a sua garantia.

**OUTORGAR UM CREDITO.** — E' conceder um prazo para o pagamento do fornecimento.

**TER CREDITO.** — E' gosar de boa reputação, inspirar confiança para obter aquelle prazo ou outras condições favoraveis.

## R. G. DUN & Co.

**Agencia Internacional de Informes para o fomento  
e protecção do comercio**

*foi fundada em New-York em 1841 para o DESENVOLVIMENTO DO CREDITO INTERNACIONAL com o auxilio dos Informes Comerciaes. Possui actualmente 247 Sucursaes nas principaes cidades da Europa e do Ultramar, sendo a unica que conta onze sucursaes proprias na Peninsula:*

**BARCELONA:** — Calle de Bilbao, 189

**BILBAO:** — Calle de la Estacion, 5

**LISBOA:** — Rua do Comercio, 103

**MADRID:** — Calle Nicolás M.<sup>a</sup> Rivero, 8/10

**MALAGA:** — Alameda de Wilson, 19

**MURCIA:** — Plaza de Cetina, 2

**PORTO:** — Rua do Almada, 10

**S. SEBASTIAN:** — Calle Garibay, 22

**SEVILLA:** — Calle de Cánovas del Castillo, 14

**VALENCIA:** — Calle de Sorni, 2

**VALLADOLID:** — Calle de la Constitucion, 7

**CENTRAL PARA PORTUGAL: 103, Rua do Comercio—LISBOA**  
**SUCURSAL: 10, Rua do Almada—PORTO**

**M. FONT**

*Director para a Europa Occidental*

**A. MASCARÓ**

*Director para Portugal e Colonias*





## DOENÇAS DE PEITO

TOSSE, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,  
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

# PULMO SERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMO SERUM"

A tosse socega-se immediatamente.

A febre desaparece.

A oppressão e as punçadas na ilharga socegam-se.

A respiração torna-se mais facil.

O appetite renasce.

A saude reaparece.

As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA  
DO CORPO MEDICO FRANÇEZ,  
EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAL-O

Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY  
15, rue de Rome, PARIS



## ANEMIA

DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA  
Todos os Medicos proclamam que

o VINHO e XAROPE de **DESCHIEENS** (PARIS)  
de Hemoglobina  
CURAM SEMPRE

Ver na proxima quarta-feira o  
Suplemento de Modas & Bordados (Do SECULO)  
Preço. 4 centavos

## M. ME Tula

Caesop Grande, 264, 2.º — LISBOA



Trabalhos só pelo Bem



Esclarece todos os assumptos. Cura obsessões de Espíritos e mal occulto, por espiritismo e magnetismo; realisa casamentos, harmonisa perturbações domesticas entre casados ou zangas entre namorados, etc., conduzindo pelo melhor caminho para chegar ao fim desejado e á Felicidade. Consultas das 15 ás 20 horas a 2500, 5000 e 10000. Enviar 300 para resposta de carta.

## Instituto Anglo-Françez de Beleza

Rua Anehieta, 21, 1.º, LISBOA (Ao Chiado)

(FUNDADO EM 1903)



**Pêlos do rosto.** Cura radical, sem dor nem vestígios pela Electrolyse, processo infalivel do Dr. Hinson, Nada de depilatorios, Unico consultorio d'esta especialidade.

**Rugas, manchas, sinnaes, verrugas, pontos, impingens, sinnaes das bexigas, cicatrizes,** tiram-se

com rapidez pelos processos mais modernos. — **SEIOS:** Desenvolvimento e enrijamento ou redução, por um processo completamente novo, Resultados seguros depois d'alguns dias de tratamento. — **CABELO:** Tratamentos scientificos para fazel-o crescer e impedir a queda, Cura da calvicie. — **MAÇAGENS MEDICAS:** Tratamentos especiaes para a redução de qualquer parte do corpo. — **CURA CERTA DA OBESIDADE:** Tratamento completamente inofensivo para a saude. — **MAGREZA:** Tratamentos efficaes por processos scientificos. — **MANUCURE:** Tratamento das unhas e das mãos. — **TINTURAS** para o cabelo em todas as cores, dos melhores fabricantes. — **PRODUTOS DE BELEZA** de toda a conliança e de resultados seguros. Todos estes tratamentos podem-se fazer em casa pela propria pessoa por meio dos nossos aparelhos e productos. Escrevel-nos o tratamento que desejaes, mandando uma estampilha de 40 réis e responder-lhes-hemos pela volta do correlo.

Mr. et M.<sup>me</sup> Hilton, Directores, Especialistas diplomados pelos melhores Institutos de Paris e Londres.

## M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Caçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).

## Loja MODELO

Casa especial de espartilhos e meias. Uma visita ao nosso estabelecimento devem Vv. Ex.<sup>as</sup> fazer, a título de experiencia.

ROCIO, 4 e 5 — Telefone 2:566

## Creme Palmyra

DE RESULTADO MUITO EFICAZ

Preparado de pureza garantida. Preço: 4500 rs., 2500, 2000, 1500 e 800 rs. Dep. geral: Caçada do Sacramento, 7, 2.º Telefone 4.339 centr.

## MONNA VANNA

sous embriagados perfumes

ULTIMAS CREAÇÕES

MAGNATIC  
LILAS D'OR  
L'OISEAU BLEU  
PAVLOVA



PARFUMERIE MONNA VANNA PARIS-NEUILLY





Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

## Cumprindo as leis



*Na gare. O guarda fiscal:*  
—A madame não pode entrar em Portugal,  
—Mais... pourquoi?  
—Porque é proibida a importação dos objectos de luxo!





## PALESTRA AMENA

## Novos ricos

Vá de trocar os novos ricos, e não ha duvida de que se prestam á pepineira, chuchadeira, petisqueira—e outras coisas em *eira*, porque dizem muitissima asneira—e não só por isso: porque em geral, adquiriram fortuna sem trabalhar, por meios que não são d'uma lisura por ai além, á custa, a maior parte das vezes, do suor de quem trabalha. De aí o não nos repugnar que chuchem com eles, já reproduzindo-lhes as toleimas, já inventando-as, que é o que tem, principalmente, acontecido.

A opera em S. Carlos, por exemplo, tem-se prestado maravilhosamente á exploração da anedota dos novos ricos, porque quando eram pobres não iam a S. Carlos, e desde que enriqueceram até o presente, não tiveram tempo de aprender musica e de se educarem convenientemente para perceber as belezas da opera. Mas ha correctivos a fazer, um dos quais é que, por grande que seja a má-vontade contra esses cavalheiros, o aspecto do teatro de S. Carlos não é peor do que era no tempo da monarchia; as damas ostentam *toilettes* de gosto, as casacas são tão numerosas como d'antes e ficam tão bem nos corpos dos espectadores d'agora como ficavam nos dos antigos frequentadores.

Ha diferenca? Ha, talvez, mas os senhores decerto já se não lembram dos velhos ricos, em S. Carlos e nos outros teatros. Nos ultimos tempos o que predominava no publico, tido por distinto, sabem o que era? A má educação. As conversas com o pano subido, as chegadas ruidosas depois da peça começar—chegando a ser muito *chic* o entrar na plateia ou nos camarotes a meio do primeiro acto—a desatenção pelo que passava em cena, eram prato obrigado. Já se não recordam de que algumas vezes o *maestro* olhava para traz, desesperadamente, e fazia sinais ao publico, para que se fizesse silencio? Pois não foi necessario afixar letreiros nos corredores do teatro que é hoje S. Luiz e que então era D. Amelia, a avisar os espectadores de que não lhes era permitida a entrada depois dos concertos terem começado?

Novos ricos ou velhos ricos teem defeitos, um dos quais provem precisamente do facto de serem ricos, por julgarem que a riqueza deve ser insolente; mas os ridiculos dos novos ricos teem vantagens sobre a má criação dos velhos ricos, pois que aqueles ridiculos não prejudicam ninguém, emquanto que estas más criações incomodam o proximo.

E, que diabo! Já que o dinheiro foi parar, bem ou mal, mais mal do que bem, ás mãos dos novos ricos, que o gastem d'essa maneira, em vez de o dispendirem em inutilidades. Sabe-se o que custou ás empresas a campanha

contra os velhos ricos, não é verdade? Fizeram *grève*, deixando os teatros aristocraticos ás moscas; se vão agora proceder da mesma mane'ra para com os novos ricos arriscam-se a que aconteça igual precalço, sem proveito para ninguém, antes pelo contrario.

Deixem viver quem vive.

J. Neutral.

## Shakespeare

Discute-se novamente lá fóra—cá dentro discutem-se coisas mais importantes—a individualidade de Shakespeare, aventando-se varias hipoteses, desde a que diz que Shakespeare, como Cristo, nunca existiu, até á que afirma que não houve um só Shakespeare mas muitos, isto é, que o autor do *Hamlet* não é o do *Otelo*, que o do *Romeu e Julieta* é uma terceira pessoa, etc.

Pois então lá vai tambem a nossa opinião: Shakespeare é, nem mais nem menos, do que o pseudonimo do Afonso Gaio.

E vão-se com esta.

## Falta de trocos

Agora é que está tudo remediado com relação á falta de trocos. A Camara Municipal resolveu que nos carros electricos se colasse um aviso convidando os passageiros a levarem o dinheiro certo do bilhete e assim se evitarão os constantes conflitos a que a falta de trocos, por parte dos conductores, tem dado origem.

Não ha duvida que o caso fica reme-



diado, com relação aos ditos conductores; quanto a ter ficado remediado com relação ao publico pomos as nossas duvidas. Onde diabo hão-de ir os passageiros buscar o dinheiro certo para as passagens, se não ha trocos?

A não ser que a Camara Municipal tenha encarado o problema por outro lado, isto é, prevendo que d'esta maneira, como os passageiros são obrigados a dar o dinheiro certo e não podem obter miudos—porque, afinal, o cobre falta em toda a parte—o caso resolve-se com a maior simplicidade: não poder andar ninguém nos carros electricos.

Salomão não resolveria melhor.

## Os espanhois levam-nos tudo

E' o titulo d'uma das secções habituais da imprensa diaria: n'um dia conta-nos que os espanhois nos levam o cobre, no outro, o gado, no outro, as batatas, no outro...

Pois sim, mas o que ainda não vimos



citar é o que as espanholas nos levam, que não é menos importante. Pois será bom abrir tambem a secção correspondente, porque a verdade é que as espanholas nos levam o coração—para falarmos com galanteria.

## Para onde vai o ex-kaiser?

Nada: já estamos a vêr que sem nós metermos a nossa colherada, o negocio não se resolve. Depois da exigencia de obrigar a Holanda a exportar o ex-kaiser para Inglaterra, appareceu a idéa de o conservar na Holanda, em seguida surgiu a de o remeter para as colonias...

A nossa opinião é que o mandem para Palmela. Pronto.

## Apenas...

Conta um jornal:

«... A noite decorreu afinal sem que se registassem acontecimentos de gravidade, havendo apenas a mencionar mais um atentado dinamitista, d'esta vez contra o jornal *O Seculo*».

Está claro que foi um acontecimento sem a minima gravidade. Foi apenas o que se sabe.

Quem lhe desse com uma bomba nas ventas!

## Correspondencia

Alberto T. V.—Irão os versos para a *Torre de Chifre*, quando lhes chegar a vez. Em bicha!

Roberto S. T.—O *Seculo Comico* não é nenhuma alcoviteira. Ora o traste! X. P. (*Leiria*)—Emigre, se uão está bem. Vá viver para os Marrazes.

L. S. Torres—Mande, querendo, mas junte-lhe uma carta de empenho, se não, não publicamos.





## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Adurada ispousa:

Purmetite á tempos fallarte nu *Marcador de Veneza*, cujo este ce arreperentou nu triatro da Terindade mas oitros negocios de mais orgensia fazeram cum que eu nan comprice a purmeça tão depreça cumo desijava. Oje é que tanho alguns mumentos de meu i apurveito u intrevalllo das bombas inquanto nan arrubenta alguma aqui nu *Secto* que te fassa viuva grassas a deus pra te dezer cu ditto marcador é cumo já te dice um trabalho toudo ca-tita du André Bran cum retoques de um tal Cháquespire que inté era mi-lhor nan ter retucado nada purque u Bran, çabe munto bem u que faz.

Na pessa a pruméra coisa que dá nu gotto é a intellijensia da impreza; cum medo ca cuntecesse a esta u que acuntece ás vezes, isto é, ca pelateia ce nan inxesse alimbrouse de mandar pra lá us atores i a cumpraçaria. Bôa ideia, sôr Pina! Diz que a trouce de Fransa i fez bem purque us fransezes ção danados pra estas coisas.

Ora intão u ditto marcador é o Pinheiro que tem muntos navios pur eces mares fóra i que é munto bum ome; u Ferrera da Cilva, que é um judeu mun-



to cemitego, tem uma raiva de mel diabos ó suparsitado Pinheiro, nan ce çabe bem purque. Cai u Pinheiro na asnera de pedir dinheiro imprestado ó Ferrera, este cai na asnera maior aindas de lo imprestar, cum a cundisão ço Pinheiro nan pagar de le deixar arrincar um bucado de carne donde u Ferreira quizer. Ora u Pinheiro não paga i aqui é que ção elas! Ajuntam-se us dojes na Boa Ora lá de Veneza, u Ferreira diz que ponha prá li a carne du Pinheiro i n'isto calta a Italvina Cerra vestida de adevogado tão bem disfraçada que touda a jente inmajina que é ome. Larga a dezer que çim cu Ferreira tinha derêto a meio bife du Pinheiro i u Ferreira cumessa a afiar a faca i a xamar coisas bunitas á Italvina verbo in gracia Daniel, etc. Mas cando elle ia a ispetar a facca nu Pinheiro a Italvina disle açim pouco mais ó menos:

—Corta, mas ce le fazeres sangue já çabes u que te acuntesse: ficas cem bens i morres tamem, cassim dizem as leis da repuylica.



## Virginia Pereira

*Tres filhos d'uma vez! Tenho a certeza  
De que o leitor, ainda o de mais fama,  
Não faria o que fês esta madama,  
Honra e gloria da raça portuguesa!*

*Tres petizes sentar á sua mesa,  
Ou mesmo a tres petizes dar de mama,  
N'estes tempos bicudos, a do Gama  
Não excedeu, palavra, esta proeza!*

*Deus sabe o que nos custa uma criança  
Quanto mais sendo tres! Eu tenho uma  
E, emfim, não me arrependo da lembrança*

*Porque está gorda e bem criada, em suma,  
Mas já mandei dizer lá para França  
Que não me remetsem mais nenhuma!*

BELMIRO.

*Esta Esperança Iris  
É' um nadinha Pires...*

R. S.

*A voz da Esperança Iris é um ver-  
dadeiro tesouro. Infelizmente, dei-  
xou-o no Mexico.*

S. P. T.

*Que bela actriz para se pôr no pre-  
go!*

V. X. P.

## Torre de Chifre

## SAUDADE

(A' gloriosa actriz Esperança Iris)

Antes que tu te retires  
Desejo, ó Esperança Iris,  
Dizer-te quanta saudade  
O meu pello oprime.  
Não! não é um crime  
Esta minha anciedade!

Irás para outras plagas  
Talvez na crista das vagas  
Tu talento manifestar,  
Mas has-des voltar um dia  
Onde esperamos com alegria  
O teu profundissimo olhar.

Na opereta moderna  
Tu ficarás sendo eterna  
Sem nenhuma contestação;  
Se quizesse, na zarzuela  
Serias igualmente bela  
Na minha opinião.

Al! volta! volta! breve,  
O' rosto côr de neve  
Cabelos côr de noite escura!  
Emquanto não regressares  
Aos portuguezes' ventura!  
Aqui não haverá ventura!

Silva Rente.

Os dojes ficam admiradissemos pur-  
que nan çabiam afinal nada de leis, u  
Ferreira admiradissemos fica i tudo  
acaba cem nuvidade de maior, retiran-  
do toudos pra çuas casas cum grandes  
ilojios ós senografos, guardaropistas  
i mais inguerdientes da pessa cuja esta  
cuntinua a agardar i mais nan te digo  
purque já a vim á tantos dias que nan  
me alembra nada i aindas istou muito  
cumovido cum a despedida da Ispransa  
Ires que até que infim tanto fez que  
côsou çuccesso mas pra iço foi prosiso  
vestirce á moda du minho i cantar u  
fado. Sem mais aquellas pesso que dès  
alimbranças a quem pur mim prégun-  
tar cas minhas pra cuntigo çó á vista  
trão fim i arresebe um brasso munto  
apretado du teu ispouso internamente  
fiel

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama  
de Peras Ruivas.

## Ainda Esperança Iris

Só tardiamente constou que os criti-  
cos teatrais tinham resolvido ofertar a  
Esperança Iris uma folha de papel com  
prosa e verso dos ho mens de letras que  
quizessem colaborar; quando estes o  
souberam, já a gentil mexicana tinha  
partido para Madrid, levando na mala  
a dita folha, com grande desespero dos  
referidos homens, que já tinham forja-  
do o que se vai ler:

*Que bôa perna tem vosselencia!*

A. X.

*Esperança Iris não é a actriz mais  
brilhante que nos tem visitado, mas é  
a de mais brilhantes.*

L. V. P.



## Os novos ricos



— Então trazes-me só carne?

O criado :

— Vossa excelencia pediu rós-bife!

— Pois é: trazes o bife, mas falta o arroz...